

PROGRESS IN INTERNATIONAL READING LITERACY STUDY (PIRLS)

**A situação dos alunos de
baixo nível socioeconômico
segundo avaliação
internacional de leitura**



AGOSTO/2023



SUMÁRIO

1. PIRLS E O CENÁRIO DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	3
2. ANÁLISES COM OS MICRODADOS DO PIRLS	5
A) Meninos de baixo nível socioeconômico em escolas que atendem alunos de baixo nível socioeconômico têm grande desvantagem	5
B) Baixo nível socioeconômico em escola de baixo NSE e com clima ruim parece ser uma das piores combinações para o desempenho em Leitura	7
C) Meninos e meninas de baixo NSE têm desempenho semelhante quando não há vulnerabilidade social e problemas no clima escolar	8
3. CONCLUSÕES FINAIS	10

1. PIRLS E O CENÁRIO DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Meninos de baixo nível socioeconômico, que estudam em escolas consideradas pelos diretores como “desfavorecidas” e com problemas de clima escolar, têm mais chances de chegar ao 4º ano do Ensino Fundamental sem estar alfabetizados. Em contextos de vulnerabilidade, os meninos são mais impactados do que as meninas em Leitura, ao passo que, quando a situação das escolas é mais favorável, a lacuna de desempenho entre os gêneros é menor e ambos têm um desempenho mais próximo. Essas são análises realizadas pelo [Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional \(Iede\)](#) a partir dos microdados do Estudo Internacional de Progresso em Leitura (Pirls — sigla, em inglês, para *Progress in International Reading Literacy Study*).

O Pirls é uma avaliação global de Leitura, aplicada a alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, por iniciativa da Associação Internacional para a Avaliação do Desempenho Educacional¹ (IEA — sigla, em inglês, para *International Association for the Evaluation of Educational Achievement*). Existe desde 2001 e acontece a cada cinco anos. Em 2021, 65 países ou regiões foram avaliados, sendo que o Brasil fez sua estreia no grupo. Com média de 419 pontos em Leitura, o País ficou à frente apenas de Jordânia (381), Egito (378) e África do Sul (288) e estatisticamente empatado, dentro do intervalo de confiança, com Irã (413), Kosovo (421) e Omã (429).

O Iede realizou uma série de análises sobre esses resultados, divulgados em maio de 2023. Em [livreto](#), disponível para download gratuito no site da organização, o destaque principal foi o alto percentual de estudantes brasileiros abaixo do nível básico em Leitura (isto é, que não alcançaram 400 pontos): 38,4% do total. Boa parte desses alunos, provavelmente, não conseguiu ler a prova. O tema também foi abordado na [coluna mensal do Iede no jornal Correio Braziliense](#). O texto ressalta que, nos países desenvolvidos, não há estudantes com menos de 340 pontos (como existem no Brasil) e menos de 400 pontos também é um cenário de exceção: Itália, Holanda e Espanha, por exemplo, não possuem estudantes nesse patamar. Artigo para o [Nexo Jornal](#), ainda com enfoque nas desigualdades evidenciadas pela avaliação, aborda o fato do Brasil ter uma pequena elite (formada por 5% dos estudantes) que obteve 546 pontos, sendo, portanto, competitiva internacionalmente, uma vez que essa pontuação não está distante da obtida por estudantes de alto nível socioeconômico (NSE) de países como Espanha (550 pontos), França (553) e Portugal (555). Todavia, 64% dos estudantes do País são considerados de baixo NSE e estes alcançaram somente 390 pontos — um patamar muito distante dos colegas de mesmo grupo socioeconômico de países como Espanha (488), França (462) e Portugal (488).

O Pirls 2021 é muito relevante, dentre outras razões, por ser a maior avaliação internacional de Leitura aplicada durante a pandemia (entre 2020 e 2022) e com resultados já divulgados, permitindo compreender em que dimensão os sistemas de ensino foram afetados pela crise sanitária. No caso do Brasil, foi a primeira vez que estudantes de 10 anos de idade passaram por uma avaliação de Leitura com caráter global. Essa é uma etapa importante para entender o quanto a alfabetização está consolidada. Segundo a IEA, a avaliação acontece no 4º ano

¹ A IEA é uma cooperativa internacional de instituições de pesquisa, acadêmicos e analistas que trabalham para melhorar a qualidade da Educação em todo o mundo. Foi fundada em 1958.

de escolaridade por este representar um ponto de transição no desenvolvimento dos estudantes, que, em geral, já aprenderam a ler e agora “leem para aprender”².

No Brasil, a alfabetização virou um dos temas centrais das discussões de educação. Dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), divulgados em setembro de 2022 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), mostraram que as crianças em fase de alfabetização foram as que registraram a maior queda de desempenho durante a pandemia: a média delas em Língua Portuguesa, no 2º ano do Ensino Fundamental, passou de 750, em 2019, para 725,5, em 2021. Uma queda, portanto, de 24,5 pontos. Também aumentou consideravelmente o percentual de crianças que estão abaixo do nível 3 de aprendizagem na disciplina: de 15,4% para 33,8%. Nesse patamar, segundo a escala de proficiência do Saeb, elas não conseguem “ler frases com período simples, na ordem direta e na voz ativa”.

Em maio, o Ministério da Educação (MEC) deu um passo importante e divulgou os resultados da pesquisa Alfabetiza Brasil, que definiu os critérios que serão considerados pelo País para dizer que uma criança está alfabetizada. Foram consultados 251 professores alfabetizadores de 206 municípios, que indicaram quais são as tarefas e competências que um estudante deveria dominar ao término do 2º ano. A partir dessas informações, o Inep estabeleceu 743 pontos como nota de corte na escala do Saeb, a partir da qual o aluno pode ser considerado alfabetizado. Por essa metodologia, segundo o MEC, 56,4% dos estudantes do 2º ano não estavam alfabetizados em 2021. É importante destacar, no entanto, que o governo não forneceu detalhes técnicos de como chegou a 743 pontos e o que exatamente esse número significa.

Ainda que o Pirls não tenha como foco determinar se os estudantes estão alfabetizados ou não, entende-se que a avaliação é mais um importante subsídio para o planejamento e a execução de políticas nacionais voltadas à alfabetização. É muito provável que estudantes que obtiveram abaixo de 400 pontos — no Brasil, 38,4% — não estejam alfabetizados e não tenham conseguido ler a avaliação. E isso aos 10 anos de idade, no 4º ano, o que é algo bastante grave e que exige urgência em termos de políticas públicas.

Os microdados do Pirls, divulgados recentemente, permitem análises mais aprofundadas sobre o desempenho dos estudantes de todos os países participantes da avaliação. No Brasil, dada as enormes desigualdades existentes na educação e a dificuldade do País em promover equidade, entende-se que os estudantes mais vulneráveis devem ser prioridade. Por essa razão, optou-se, neste livreto, por olhar especificamente para os estudantes de baixo nível socioeconômico a fim de entender quais são as diferenças de desempenho existentes entre meninos e meninas e de que forma cada gênero é impactado pelo contexto das escolas em que estudam em relação à vulnerabilidade e ao clima escolar. Como você observará nas próximas páginas, meninos de baixo nível socioeconômico são mais impactados em contextos vulneráveis.

2 A definição de letramento adotada pelo Pirls é: “Letramento em leitura é a habilidade de entender e utilizar as formas da linguagem escrita exigidas pela sociedade e/ou valorizadas pelo indivíduo. Os leitores são capazes de construir sentido a partir de textos em uma variedade de formas. Eles leem para aprender, para participar de comunidades de leitores na escola e na vida diária e por prazer.”

2. ANÁLISES COM OS MICRODADOS DO PIRLS

A. Meninos de baixo nível socioeconômico em escolas que atendem alunos de baixo nível socioeconômico têm grande desvantagem

O Pirls pediu aos diretores escolares que estimassem as porcentagens de alunos “economicamente favorecidos” e “economicamente desfavorecidos” nas suas unidades de ensino. Com base nessas respostas, as escolas de cada país, que tiveram algum aluno participante da avaliação, foram divididas entre “mais ricas”, “nem mais ricas nem mais desfavorecidas” e “mais desfavorecidas”.

No Brasil, com base nessa interpretação dos diretores, **51%** dos estudantes que fizeram o Pirls estão em **escolas “mais desfavorecidas”**; **16%** **“nem mais ricas nem mais desfavorecidas”**; e **32%** em escolas **“mais ricas”**. As análises deste livreto dividem as escolas entre mais vulneráveis, onde estão 51% dos estudantes, e as demais.

O Pirls mostra que, considerando a média de todos os países participantes da avaliação, os alunos que frequentaram escolas com uma proporção maior de estudantes “economicamente favorecidos” tiveram um desempenho melhor em Leitura do que aqueles que frequentaram unidades com alunos mais “desfavorecidos”: 521 ante 479.

- ▶ No Brasil, essa tendência também é observada, sendo que estudantes de baixo NSE, em especial os meninos, têm uma grande desvantagem em Leitura quando estão inseridos em escolas também vulneráveis.
- ▶ Em escolas mais pobres, meninos de baixo NSE ficam 29,6 pontos atrás das meninas do mesmo grupo socioeconômico.
- ▶ Já quando estão em escolas cujos alunos têm NSE mais alto, a desvantagem dos meninos em relação às meninas cai para 8,6 pontos. **Isso mostra que os meninos de baixo nível socioeconômico tendem a ser mais impactados por contextos mais vulneráveis!**

Diversos estudos mostram que o efeito dos pares tem um grande impacto na aprendizagem das crianças e jovens e, em geral, estudantes de nível socioeconômico mais alto têm tendência a um melhor desempenho por fatores como melhor alimentação, mais acesso a serviços de saúde e a bens que possibilitam a aprendizagem, como livros, computadores, etc. Além disso, as escolas que atendem alunos de NSE mais alto costumam ter condições mais favoráveis ao ensino, como melhor infraestrutura e mais professores com formação adequada.

Gráfico 1 - Médias dos estudantes brasileiros de baixo nível socioeconômico (NSE) no Pirls 2021, por gênero e segundo o tipo de escola em que estudam

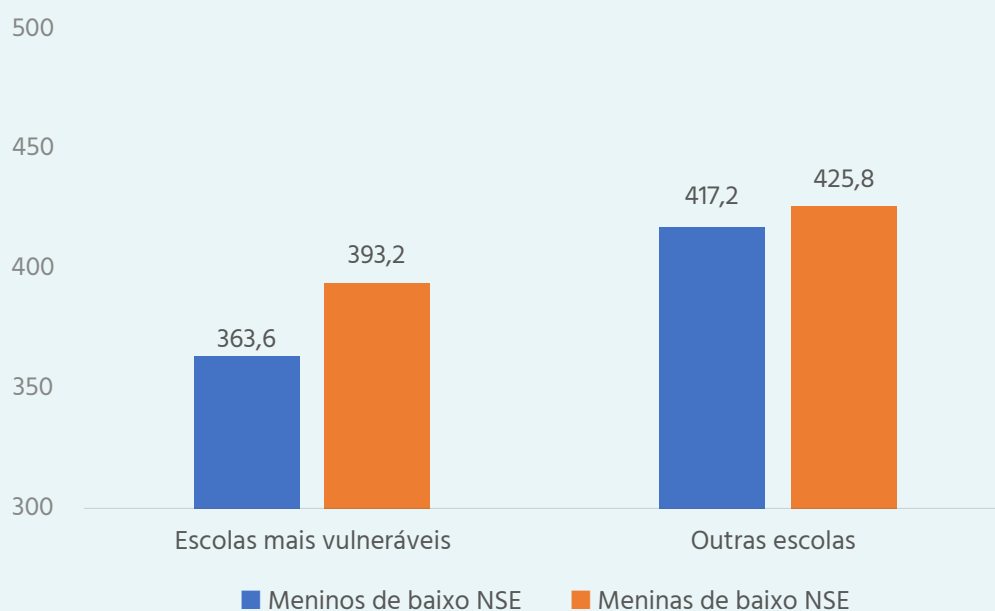
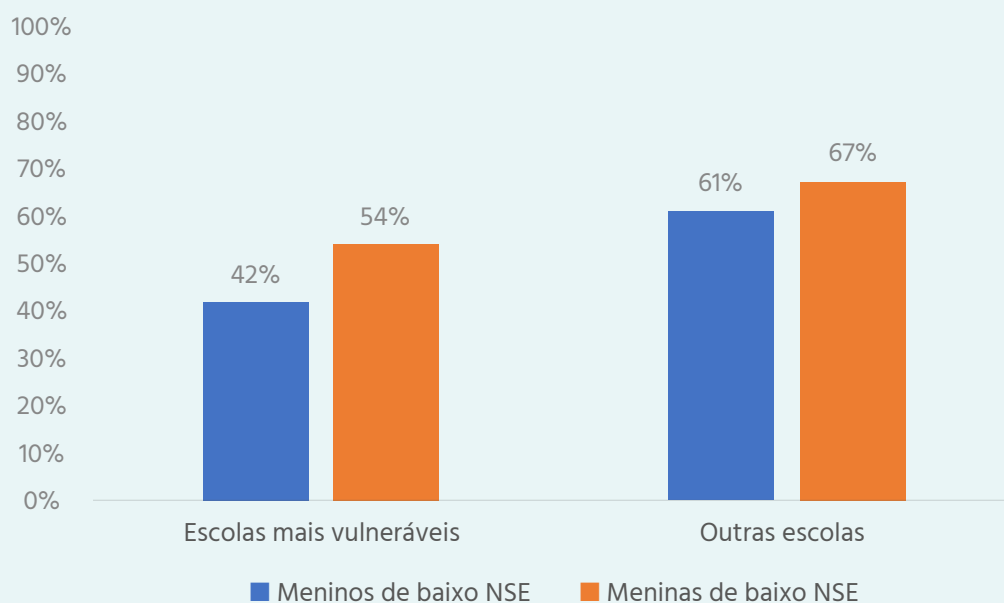


Gráfico 2 - Percentuais de estudantes brasileiros de baixo nível socioeconômico (NSE) que estão pelo menos no nível básico em Leitura no Pirls 2021, por gênero e segundo o tipo de escola em que estudam



B. Baixo nível socioeconômico em escola de baixo NSE e com clima ruim parece ser uma das piores combinações para o desempenho em Leitura

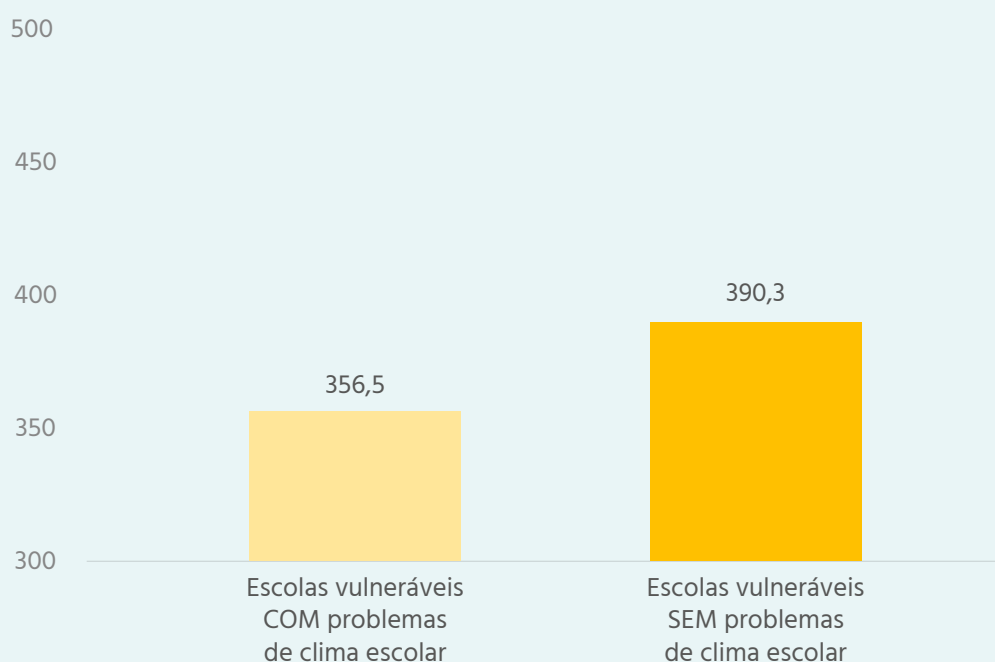
Por meio dos questionários contextuais, o Pirls perguntou aos diretores escolares sobre a percepção deles a respeito de questões relacionadas à disciplina, segurança, desordem e bullying nas turmas do 4º ano de suas escolas. A partir das informações fornecidas, foi criada uma escala que dividiu as unidades de ensino em três categorias de clima escolar: “com quase nenhum problema”, “com problemas pequenos” e “com problemas moderados a graves”.

O estudo revelou que o desempenho médio dos estudantes em Leitura, considerando todos os países e regiões participantes, foi maior para alunos em escolas com “quase nenhum problema” (510) do que para alunos em escolas com “com problemas pequenos” (493) e “problemas moderados a graves” (465).

► No Brasil, há uma diferença muito significativa entre os estudantes de baixo nível socioeconômico que estudam em unidades com problemas de clima escolar (pequenos, moderados ou graves) e aqueles cujas escolas não relataram desafios dessa natureza: 356,5 vs 390,3.

► Os dados do Pirls mostram que o clima escolar importa e muito! E pode fazer muita diferença para estudantes mais pobres e que estudam em escolas em contextos mais desafiadores!

Gráfico 3 - Médias dos estudantes brasileiros de baixo nível socioeconômico no Pirls 2021, em escolas de baixo NSE, com e sem problemas de clima escolar



C. Meninos e meninas de baixo NSE têm desempenho semelhante quando não há vulnerabilidade social e problemas no clima escolar

Os dados apresentados neste documento mostram que meninos e meninas de baixo nível socioeconômico alcançam pontuações muito diferentes — próximo de 30 pontos em favor das meninas — quando ambos estudam em escolas de baixo nível socioeconômico.

Quando a percepção dos diretores sobre as escolas é mais positiva, no sentido de não serem vulneráveis, a situação de aprendizagem dos estudantes também é mais favorável. E quando essas escolas relatam não ter problemas de indisciplina, bullying, etc., essa distância fica ainda menor entre os gêneros: meninos e meninas performam em Leitura de forma similar!

Gráfico 4 - Médias dos estudantes brasileiros de baixo nível socioeconômico (NSE) no Pirls 2021, por gênero, em escolas não vulneráveis e sem problemas de clima escolar

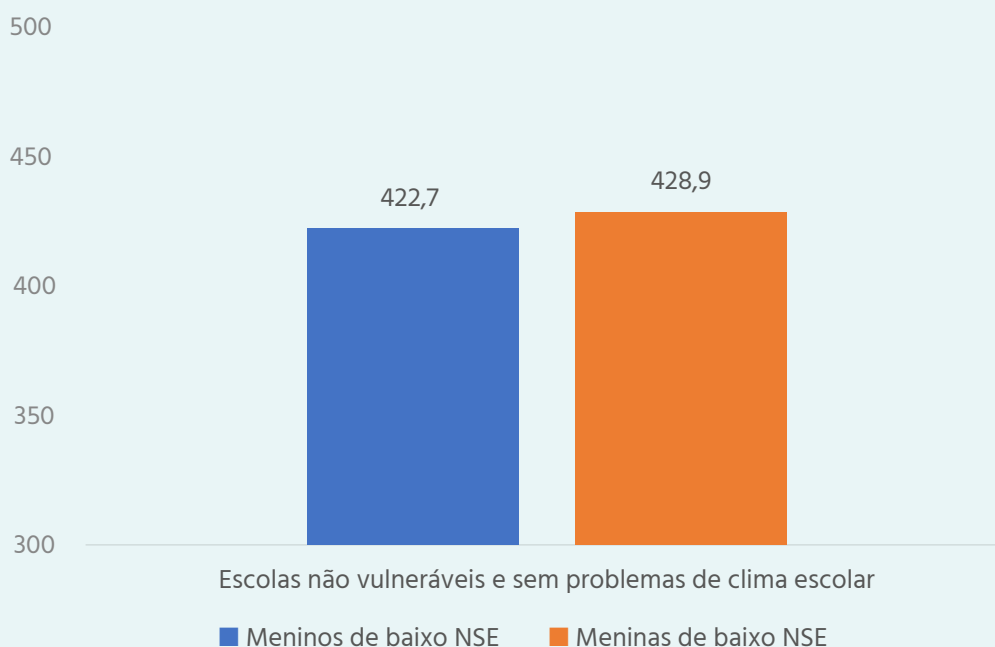
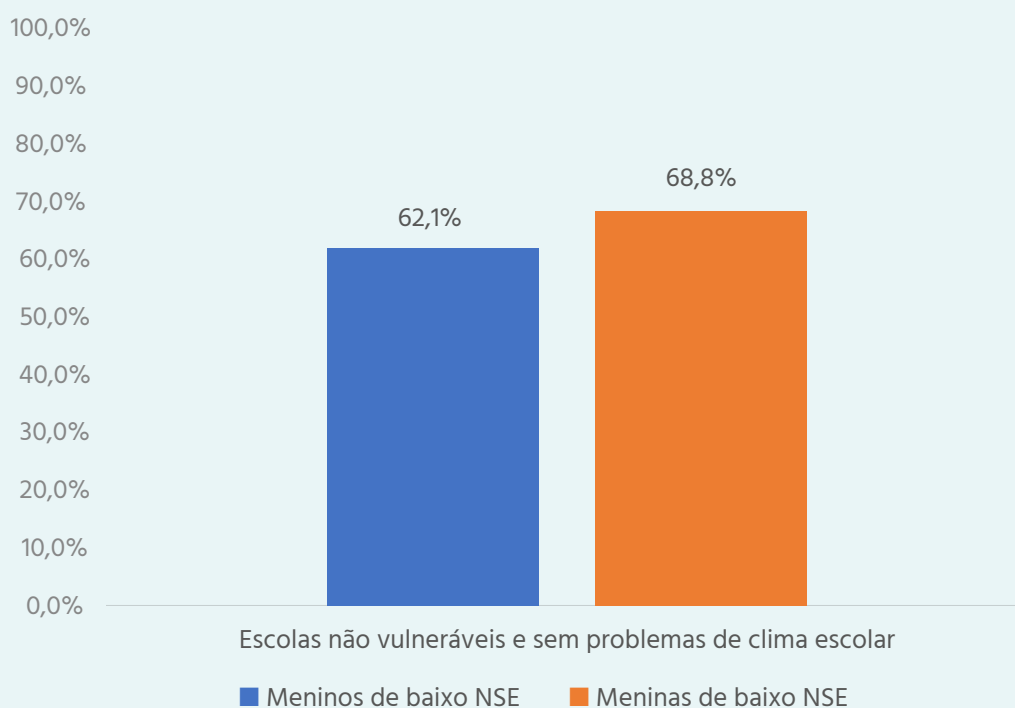


Gráfico 5 - Percentuais de estudantes brasileiros de baixo nível socioeconômico (NSE) que estão pelo menos no nível básico em Leitura, no Pirls 2021, por gênero, em escolas não vulneráveis e sem problemas de clima escolar



3. CONCLUSÕES FINAIS

As análises realizadas a partir dos microdados do Pirls trazem apontamentos importantes sobre os estudantes de baixo nível socioeconômico e como o desempenho deles em Leitura varia em relação ao gênero e a depender do contexto da escola em que estudam, se vulnerável ou não; e se registra problemas de clima escolar.

É preciso, primeiro, lembrar que, dentre os estudantes de baixo nível socioeconômico, há perfis variados: alguns recebem mais suporte e apoio dos pais nos estudos; há quem estude em colégios privados, com bolsa de estudos; dentre outros fatores que minimizam a vulnerabilidade. Há, portanto, alguns estudantes que têm oportunidades que outros não têm. Mas a maior parcela está em contextos vulneráveis, e é missão do sistema público tentar diminuir essa vulnerabilidade.

O primeiro ponto abordado neste livreto é o mais desafiador: o efeito do social coletivo no indivíduo. Onde há uma concentração de alunos de baixo nível socioeconômico os resultados dos indivíduos são piores. Embora não seja fácil mudar isso no curto prazo, um primeiro passo seria avaliar se as escolas brasileiras não poderiam ser menos segregadas: será que o perfil socioeconômico de escolas centrais não é muito diferente do perfil de unidades localizadas em áreas periféricas? É possível estimular uma heterogeneização das escolas de alguma maneira? Ou será ainda que alunos de diferentes unidades não poderiam ter mais momentos de troca entre si? Mais olimpíadas de conhecimento, gincanas e feiras, por exemplo, que oportunizassem a troca de conhecimento e de experiência entre eles. Essa é uma seara de reflexão, em que mais estudos sobre a temática são necessários.

Há outros aspectos, porém, cujos gestores escolares e das secretarias de Educação têm mais ingerência e que, a depender das estratégias e ações adotadas, podem obter resultados mais rápidos. É o caso do clima escolar. Os dados do Pirls corroboram os desafios trazidos por um clima escolar ruim, em especial aos alunos de baixo nível socioeconômico e aos meninos, em particular. Nesse sentido, há muitas evidências de que a promoção de um ambiente seguro, saudável e respeitoso é essencial para uma educação de mais qualidade com equidade.

CONTATO:

Site: www.portaliede.com.br

Email: contato@portaliede.com.br ou
lecticia@portaliede.com.br

Instagram: [@portaliede](https://www.instagram.com/portaliede)

Twitter: twitter.com/portaliede

LinkedIn: [linkedin.com/company/portaliede](https://www.linkedin.com/company/portaliede)

